

OS DOIS SINOS DA IGREJA DE SANTIAGO, DO CASTELO DE PALMELA

ANTÓNIO CORREIA*
MIGUEL CORREIA**

Resumo: *Apresenta-se aqui a descrição e informação contida nos dois sinos da Igreja de Santiago, no Castelo de Palmela: um datado de 1673 (refundido em 1946), outro de 1768.*

Palavras-chave: *Sinos – Igreja de Santiago de Palmela.*

Abstract: *We present the description and information contained in the two bells of the Church of Santiago, in the Castle of Palmela: one dated 1673 (cast again in 1946), the other dated 1768.*

Keywords: *Bells – Santiago de Palmela Church.*

CONTEXTUALIZAÇÃO

A partir de 1402, após a atribuição da bula *In Apostolica Dignitates Speculas* pelo papa Martinho V, o mestrado da Ordem de Santiago passou a beneficiar da concessão de bens da Coroa. É nesta altura que assistimos à transferência definitiva da sede da Ordem de Alcácer do Sal para Palmela, tendo aqui permanecido até à sua extinção, em 1834. O impulso desta nova conjuntura, justificou o incremento de um novo fulgor construtivo, o qual deixou marcas na arquitectura subjacente no interior das muralhas do castelo, mas também no próprio burgo.

Talvez o edifício mais emblemático deste período seja a Igreja de Santiago, construída pelos freires-cavaleiros, com início da construção em 5 de Maio de 1443, sob o mestrado do infante D. João, filho de D. João I.

O templo de três naves, erigido com calcário da região, prima por um estilo gótico profundamente austero, em detrimento do gótico flamejante, como podemos constatar no Mosteiro da Batalha, respeitando o gosto dos cavaleiros da Ordem santiaguista, caracterizado por um profundo despojo decorativo, onde sobressaem os longos pilares e paredes lisas. A frontaria do templo respeita a mesma simplicidade, com um portal gótico ogival, de quatro finos colunelos sem capitéis, inscrito num gablete rectangular. Uma pequena vieira é o único elemento decorativo quase imperceptível, esculpida na base de um dos colunelos. No topo, abre-se o óculo moldurado por perfil idêntico ao formado pelos colunelos do pórtico. Na ala esquerda, ergue-se uma torre sineira de planta rectangular com uma abertura para o adro da fachada, voltado a oeste e outras duas aberturas voltadas para o lado norte. Logo abaixo da torre sineira e neste mesmo

* Ex-pároco de Palmela, professor de latim aposentado. O autor não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

** Arqueólogo, Museu Municipal de Palmela. Email: mfcorreia@cm-palmela.pt. O autor não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

alçado, um mostrador em azulejo permite a leitura das horas, accionadas por meio de um relógio fabricado pelo mestre de Liége, Henri Rossius, datado de 1752, e ainda em pleno funcionamento.

Posterioridades adaptações marcaram no espaço diferentes linguagens de outros estilos, com especial destaque para as obras implementadas por D. Jorge, filho bastardo de D. João II, último mestre da Ordem. Na época manuelina-joanina a capela-mor foi ampliada, foi erigido o coro alto e o arcosólio manuelino onde se encontra a arca tumular do referido mestre. Na última década de 40, obras da antiga Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais ditaram a reposição das originais linhas medievais, sacrificando-se algumas das construções feitas ao longo da história do edifício (Serrão e Meco 2007, pp. 128-152).

OS SINOS

Foquemo-nos novamente na torre sineira, a qual albergava dois grandes sinos de bronze, os quais passamos a descrever detalhadamente:

SINO 1

Este sino encontra-se na torre sineira a desempenhar ainda o propósito da sua função, pautando diariamente as horas à população da vila de Palmela. Tem uma altura de 128 cm e um diâmetro máximo de 128 cm. Encontra-se decorado com uma grande cruz a ocupar praticamente toda a altura da cintura, entre a linha de texto da moldura superior, junto do ombro e a linha de texto da moldura inferior, na ligação com o arco de som. Oposto à referida cruz, encontra-se uma pequena representação de Nossa Senhora da Conceição sobre a espada de Santiago (Fig. 1).

Transcrição das inscrições, sem desdobramentos¹:

Moldura superior:

IN . CÆLO . SIGNVM . MAGNVM . APARVI

Moldura inferior:

REFUNDIDO EM 1946 NA FUNDIÇÃO DE SINOS DE RIO TINTO DE
L. M. COSTA . PORTO . BERNARDVS . PADIERNE . ME FECIT ANNO
DNI 1673 .

Transcrição das inscrições, com desdobramentos:

Moldura superior:

IN . CÆLO . SIGNVM . MAGNVM . APARVI

¹ Transcrições e tradução feitas pelo primeiro signatário. Revisão feita pelo Professor Doutor Mário Barroca.



Fig. 1. Sino 1

Fonte: Miguel Correia

Moldura inferior:

REFUNDIDO EM 1946 NA FUNDIÇÃO DE SINOS DE RIO TINTO DE L. M. COSTA . PORTO . BERNARDVS . PADIERNE . ME FECIT ANNO DomiNI 1673

Proposta de tradução:

Moldura superior:

Apareci no céu como um grande sinal

Moldura inferior:

Refundido em 1946 na fundição de sinos de Rio Tinto de Laurentino Martins da Costa. Porto. Bernardo (de) Paderne fez-me no ano do Senhor de 1673.

Trata-se de um sino datado de 1673, fundido por Bernardo (de) Paderne, que foi refundido em 1946, na Fundição de Sinos de Rio Tinto, por Laurentino Martins da Costa, encomendado pela então Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

A actividade deste mestre foi abordada por Luís Sebastian (Sebastian 2008, pp. 178-179) e este sino em particular por Diana Felícia Pinto (Felícia 2019, pp. 52-54). É interessante referir a preocupação que Laurentino Martins da Costa evidenciou, ao registar as legendas do primitivo sino seiscentista, transcrevendo a inscrição da moldura superior (IN . CÆLO . SIGNVM . MAGNVM . APARVI) e a epígrafe da moldura inferior (BERNARDVS . PADIERNE . ME FECIT ANNO DomiNI 1673), evitando, assim, que se perdesse a informação histórica.



Fig. 2. Sino 2

Fonte: Miguel Correia

SINO 2

Este sino encontra-se estalado, motivo que justificou o seu abandono. Permaneceu no interior do campanário, até recentemente ter sido apeado para o adro defronte da igreja, passando a ser melhor apreciado por quem visita a Igreja de Santiago (Fig. 2). Tem uma altura de 130 cm e um diâmetro máximo de 118 cm. À semelhança do sino anterior, apresenta uma grande cruz, mas com mais detalhe decorativo, a ocupar toda a altura da cintura, entre a linha de texto da moldura superior e a linha de texto da moldura central (Fig. 3). Esta moldura central faz a cisão entre a cintura e o arco de som e, abaixo, no limite do arco de som com a boca, encontra-se a moldura inferior.

No lado oposto à cruz encontra-se uma espada de Santiago, delimitada no topo e nos lados por três vieiras (Fig. 4).



Fig. 3. Sino 2, pormenor da cruz, na cintura
Fonte: Miguel Correia



Fig. 4. Sino 2, pormenor da cruz de Santiago e das vieiras
Fonte: Miguel Correia

Transcrição das inscrições, sem desdobramentos:

Moldura superior:

1/ D O M

2/ DIV . IACOB . ZEBED . CHRIST . APOST . ET . HISPAN . PATRON .
AMABILISSIM . D . IOAN . THEOD . CORD . PER . PRIOR . MAGN .

3/ D . IOSEPH . Iº . PORTVG . REG . FID . AC . MAGN . ORD . MAG . 1768
. PETRVS . ANT . ACAMINO ME FECID [sic] . VERB . CAR . FACT . EST
. ET . HABIT

4/ IN NOB

Moldura central:

5/ + CHRISTVS . NOBISC . EST . STATE . SACT . D . SANCT . FORT .
SANCT . IMMORTAL . ECCE . CHRVC . DOM . FVGIT . PART .
ADVERS . VIXIT . LEO . DE TRIB . IVD . RAD . DAVID . ALEL . ALEL .

6/ MAGNIF . ANIM . MEA . DNVM . MAT . SALV . OR . PRO . NOB .
SALVAT . MVND . SALV . MISERE . NOB . QVIS . SICVT . DNVS .
DEVS . NOST . QVI . IN . ALT . HABIT . ET HVM . RESP . IN . TERRA

7/ NOS

Moldura inferior:

8/ VN . TRIN . Q . DNO . SIT SEMP . GLOR . QVI . VIT . SINC . TERM .
NOB . DON . IN . PATR . AMEN . VISIT . NOS . PER . S . SVM . APOST
. ET . FEC . SAL . EX . INIM . NOST . DNVS . D . NOST . ORA . PRO .
NOB . B . IACOB . VT . DIGN . EFFIC . PROM . CHRIST .

Transcrição das inscrições, com desdobramentos:

Moldura superior:

1/ Deo Optimo Maximo

2/ DIVino . IACOBo . ZEBEDeo . CHRISTi . APOSTolo . ET . HISPANiae .
PATRONo . AMABILISSIMO . D . IOANi . THEODosio . CORDeiro .
PEReira . PRIORi . MAGNo .

3/ D . IOSEPHo . Iº . PORTVGaliae . REGi . FIDeli . AC . MAGNo . ORDinis
. MAGistro . 1768 . PETRVS . ANTonius . ACAMINO ME FECID [sic] .
VERBum . CARo . FACTum . EST . ET . HABITauit

4/ IN NOBis

Moldura central:

5/ + CHRISTVS . NOBISCum . EST . STATE . SANCTe . Deus . SANCTe .
FORTis . SANCTe . IMMORTALis . ECCE . CHRVCem . DOMini .
FVGITe . PARTes . ADVERSae . VIXIT . LEO . DE TRIBu . IVDae . RADix
. DAVID . ALELUia . ALELUia .

6/ MISERere . NOBis . QVIS . SICVT . DomiNVS . DEVS . NOSTer . QVI .
IN . ALTo . HABITat . ET . HVMiles . RESPicit . IN . TERRA . MAGNIFICat
. ANIMA . MEA . DomiNVM . MATer . SALVatoris . ORa . PRO . NOBis .
SALVATor . MVNDi . SALVa .

7/ NOS

Moldura inferior:

8/ VNo . TRINo . Que . DomiNO . SIT SEMPiterna . GLORia . QVI . VITam
. SINCe . TERMino . NOBis . DONabit . IN . PATRIA . AMEN . VISITavit .
NOS . PER . S . SVM . APOSTolum . ET . FECit . SALvos . EX . INIMicis .
NOSTris . DomiNVS . Deus . NOSTer . ORA . PRO . NOBis . Beate .
IACOBe . VT . DIGNi . EFFICiamur . PROMissionibus . CHRISTi .

Em texto corrido:

Deo Optimo Maximo. Divino Iacobo Zebedeo, Christi Apostolo et Hispaniae Patrono. Amabilissimo D. Ioani Theodosio Cordeiro Pereira Priori Magno. D. Iosepho Iº Portugaliae Regi Fideli ac Magno Ordinis Magistro . 1768 . Petrus Antonius Acamino me fecit. Verbum Carens Factum est et Habitus in Nobis.

+ Christus nobiscum est state. Sancte Deus, sancte fortis, sancte immortalis. Ecce Chrucem Domini. Fugite partes adversae. Vixit Leo de tribus Iudae radice Davidis. Aleluia, Aleluia!

Miserere nobis. Quis sicut Dominus Deus noster qui in alto habitat et humiles respicit in Terra? Magnificat anima mea Dominum. Mater Salvatoris, ora pro nobis. Salvator Mundi, salva nos.

Uno trinoque Domino sit sempiterna gloria qui vitam sine termino nobis donabit in Patria, Amen. Visitavit nos per suum Apostolum et fecit salvos ex inimicis nostris Dominus Deus noster. Ora pro nobis Beate Iacobe ut digni efficiamur promissionibus Christi.

Proposta de tradução:

Moldura superior:

A Deus Ótimo Máximo

Ao divino Tiago Zebedeu, apóstolo de Cristo e patrono da Hispânia, ao amabilíssimo D. João Teodósio Cordeiro Pereira, Prior Mor e a D. José 1.º, rei Fiel de Portugal e Grão Mestre da Ordem. Pedro António Acamino fez-me em 1768- O verbo se fez carne e habitou entre nós.

Moldura central:

Cristo está connosco. Permanecei firmes. Santo Deus, Santo Forte, Santo imortal, Eis a cruz do Senhor. Fugam inimigos. O leão da tribo de Judá, raiz de David, venceu, aleluia, aleluia.

Tende piedade de nós. Quem como o nosso Deus que habita no alto e olha pelos humildes na terra? A minha alma enaltece o Senhor. Mãe do Salvador, ora por nós! Salvador do mundo, salva-nos!

Moldura inferior:

Ao Senhor, Uno e Trino, que nos dará uma vida sem fim na Pátria, seja dada sempiterna glória, amen. O Senhor nosso Deus Visitou-nos pelo seu Apóstolo São Tiago, e salvou-nos dos nossos inimigos. São Tiago, ora por nós, para que nos tornemos dignos das promessas de Cristo.

CONCLUSÃO

Ambos os sinos deverão ter tido uma utilização simultânea. A torre sineira mantém os negativos onde assentava o sino 2. É provável, que em determinado momento, talvez após a extinção das ordens religiosas, ambos os sinos tenham ficado inutilizados.

O sino 1 foi refundido em 1946, sendo provável que se tenha perdido parte da informação inscrita no original. Respeitou-se a frase da moldura superior. Na moldura inferior manteve-se o nome do artesão (Bernardo de Paderne) e o ano da sua primeira fundição (1673). A decoração da grande cruz e da espada da Ordem são elementos que foram igualmente reaproveitados. Esta acção, sequencial às intervenções da antiga Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, justifica a necessidade de repor o sinal sonoro do horário, à população de Palmela.

O sino 2 resulta de uma encomenda feita 95 anos após o fabrico do sino 1, em 1768, encomenda essa feita pelo então prior-mor da Ordem, D. João Teodósio

Cordeiro Pereira. É muito escassa a documentação existente sobre os priorados, a partir de meados do século XVIII. Apenas dois documentos permitem saber que o mesmo desempenhou essa função entre 1759 e 1770 (Fortuna 1994, p. 120).

Por último, um destes sinos será certamente o protagonista de uma história popular, contada pelos mais idosos de Palmela. Consta que nos tempos de declínio da Ordem de Santiago, um governante mandou retirar o melhor dos dois sinos para uma igreja em Lisboa. O sino foi apeado e ainda pelo caminho descendente em direcção à Moita, o carro atascou e nem com três juntas de bois conseguiram prosseguir viagem. No domingo seguinte, o pároco de então contou o sucedido na missa, o que motivou uma grande indignação da população. Em resposta, facilmente inverteram o caminho do carro e com menos animais conseguiram ascender até ao castelo e recolocaram o sino no local original. Tal acontecimento reveste-se já com um certo colorido de lenda, embora João Almeida Carvalho, historiador setubalense do século XIX, o relate em breves linhas, descrevendo-o como factual (Fortuna 1989, pp. 65-70).

BIBLIOGRAFIA

- FELÍCIA, Diana, 2019. *De Campanis Fundentis. A Fábrica de Fundição de Sinos de Rio Tinto*. Relatório de 2.º Ciclo de Estudos em História da Arte, Património e Cultura Visual, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- FORTUNA, António Matos, 1994. *Priores Mores do Real Convento, Provedores da Sta. Casa da Misericórdia de Palmela*. Palmela: Santa Casa da Misericórdia de Palmela.
- FORTUNA, António Matos, 1989. *Contava-se em terras de Palmela*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela. Coleção Estudos Locais, 2.
- SEBASTIAN, Luís, 2008. *Subsídios para a História da fundição sineira em Portugal*. Coruche: Câmara Municipal de Coruche, Museu Municipal de Coruche. Trajectos da História, 3.
- SERRÃO, Vítor, e José MECO, 2007. *Palmela Histórico-Artística, um inventário do património artístico concelhio*. Lisboa: Edições Colibri; Palmela: Câmara Municipal de Palmela.